

# Plano Baker criticado por não reduzir juros

por S. Karene Witcher  
da AP/Dow Jones

O plano do secretário norte-americano do Tesouro, James Baker III, cuja finalidade é debelar a crise das dívidas internacionais, poderá causar grandes problemas no futuro, se for colocado em prática.

Quando o plano Baker foi divulgado, no início do mês passado, o problema da dívida parecia estar-se agravando. O novo presidente do Peru havia limitado, formalmente, o pagamento da dívida externa de seu país, a nova democracia do Brasil estava assumindo uma postura mais rígida em relação a seus credores e o México demonstrava interesse numa tentativa de renegociação conjunta da dívida de US\$ 360 bilhões de toda a América Latina.

Então Baker decidiu que "seria melhor para nós tomar a iniciativa, em vez de permanecer na defensiva", afirmou David Mulford, subsecretário do Tesouro para assuntos internacionais. O que emergiu dessa decisão foi o esboço de um plano para que os Estados Unidos e os bancos estrangeiros emprestassem US\$ 20 bilhões para ajudar quinze países em desenvolvimento, a maioria deles na América Latina, a não faltar com o pagamento de suas dívidas externas.

## GANHANDO TEMPO

Embora o plano do secretário do Tesouro fosse elogiado, por representar uma dramática mudança na maneira de tratar a crise das dívidas, seus críticos afirmam que, na melhor das hipóteses, ele apenas ganha tempo. A proposta dos novos empréstimos, segundo eles, não oferece quantias suficientes para promover o crescimento econômico nas nações devedoras.

Os próprios devedores se queixam de que o plano não é nada abrangente nem propõe uma saída decisiva para o problema. De acordo com eles, o projeto falha ao negociar com altas taxas reais de juros, preços baixos para mercadorias e protecionismo nos mercados de exportação. O plano também não reduz o fardo

da dívida externa, que ameaça estrangular suas economias.

Muitos que analisaram o plano, contudo, afirmam que ele terá grandes implicações a longo prazo para todos que estiverem envolvidos no cenário da dívida internacional.

De acordo com esses analistas, o projeto constitui um mandado aos Estados Unidos para que ditem a política econômica a ser seguida pelos países devedores — e, dessa forma, dá origem a relevantes questões sobre política externa à superpotência. O plano também estabelece uma mudança na responsabilidade da dívida dos bancos comerciais para as nações industrializadas, e seus governantes — e para que os países devedores, desse modo, obtenham grandes concessões em seus empréstimos. Em contrapartida, aumenta a possibilidade de que as nações industrializadas paguem a fiança de seus próprios bancos se os empréstimos não forem resgatados.

## RESPOSTA POSITIVA

Entretanto, Juan Sourrouille, ministro argentino da Economia, afirma que o plano Baker é "uma resposta positiva" aos apelos dos países em desenvolvimento que estão endividados. Mas ele acrescenta que "isso não é a solução. Trata-se apenas de um pouco de luz no fim do túnel".

Mulford foi para Buenos Aires, recentemente, a fim de convencer os argentinos a participarem do Plano Baker. Além da Argentina, os outros países latino-americanos são México, Peru, Brasil, Bolívia, Colômbia, Venezuela, Equador, Chile e Uruguai. Os outros devedores são Iugoslávia, Nigéria, Costa do Marfim, Marrocos e Filipinas.

---

Noticiário fornecido pelas agências internacionais AP Dow Jones, Reuters, UPI e pelos jornais Financial Times de Londres, Advertising Age de Chicago, The Wall Street Journal, The Journal of Commerce e Barron's de Nova York. El Cronista Comercial e a revista Mercado, de Buenos Aires. Matérias especiais via Varig e Aerolíneas Argentinas.

---